

APRESENTAÇÃO
O VINTE E CINCO DE ABRIL COMO MOTE

Com grande satisfação, trazemos à luz o décimo-quinto número da revista do programa de Pós-Graduação em Letras da UNESP/Assis, *Miscelânea*, que desde 2011 ostenta o subtítulo *Revista de Literatura e Vida Social*. Como o título indica e a expressão encerra nele caberão textos de natureza ampla que a uma só voz, neste volume, atravessam o Atlântico. Ligando Portugal e Brasil, a homenagem procurando celebrar os 40 anos da Revolução de Abril, em Portugal, chega até nós, também em formato digital, em um abraço que une a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, a Universidade Nova de Lisboa e a Universidade de Lisboa. A imensidão do oceano não demove à construção de pontes para que o saber flua.

Como ficou expresso na chamada para trabalhos, almejamos dar a conhecer, segundo uma ótica bastante diversificada, “a relação dialética entre literatura e sociedade na análise de obras literárias produzidas sob o influxo das acentuadas mudanças políticas e sociais verificadas no mundo lusófono durante a década de 1970”.

O sumário da publicação permitirá constatar a diversidade dos contributos recolhidos e escrutinados. Dos doze artigos incluídos somente três são em co-autoria e, desses três, um único conta com autores vários, de onde resulta claro uma alteração significativa no domínio da autoria em publicações científicas que queremos notar.

Abrindo o leque de artigos, Cecília Barreira, professora associada da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, apresenta “O 25 de Abril observado pelo *Diário de Lisboa*” revelando como o vespertino publicado entre 1921 e 1989 se constitui repositório da memória da Revolução. Portugal e Brasil irmanam na preponderância da intercomunicação estabelecida. O meio citadino e o meio rural surgem caracterizados na sua singularidade. Lisboa também palco para os intelectuais pós-25 de Abril é o mote.

Segue-se-lhe João Madeira, investigador do Instituto de História Contemporânea, da FCSH-UNL, com “Os escritores comunistas e a Revolução de 25 de Abril”, abordando o processo revolucionário que se seguiu ao 25 de Abril de 1974 no interior do Partido Comunista Português e

apresentando-nos aquele que é em suas palavras: “um interessante e insolúvel debate sobre arte, criação artística e modelo estético partidário”.

Por seu turno, o terceiro artigo, “A Revolução dos Cravos: Entre o otimismo e a marginalidade”, é assinado por Telma Maciel, da Universidade Estadual de Londrina, que discute a Revolução dos Cravos através da análise das peças de teatro de José Saramago e Bernardo Santareno, - respectivamente *A noite* e *Os marginais e a revolução* (“Restos” e “Confissão”). A análise foca o modo como a Revolução se espelha na obra de ambos os escritores. A ideia central foi a de “pensar a representação do indivíduo marginalizado pela ditadura e sua visão sobre as mudanças sociais advindas do novo regime de governo”.

Denise Noronha Lima, professora assistente da Universidade Estadual do Ceará, e Odalice Castro e Silva, professora associada da Universidade Federal do Ceará, discorrem sobre “O 25 de Abril em *Manual de pintura e caligrafia*”, publicado em 1977. A crise política de Portugal e a crise existencial do protagonista destacam-se da leitura do romance de José Saramago que as autoras se preocupam em examinar dando a conhecer também o modo como a “tomada de consciência não apenas política, mas também artística, subverte os modelos impostos”, o que conduz ao encontro com um homem novo e consequentemente com uma nova linguagem.

Seguem-se-lhes Márcia Valéria Zamboni Gobbi e Rodrigo Valverde Denubila, da UNESP, com “Cambalhotas, molas e cavilhas — Os meninos de ouro, de Agustina Bessa-Luís: uma reflexão sobre o pós-25 de Abril de 1974”. Através da análise do romance de Agustina Bessa-Luís, publicado em 1983, os autores concentram a sua leitura procurando evidenciar o modo como a Revolução dos Cravos é vista e simultaneamente serve o propósito de “decompor” a natureza e a condição humana à luz dos diferentes sistemas políticos e dos seus líderes.

Ultrapassando o continente europeu, o sexto artigo, “O 25 de Abril visto do sul: olhares africanos e outros”, remete-nos para um universo preciso. O impacto do 25 de Abril de 1974 “na Guerra Colonial e na independência ou autonomia das colónias” é o foco escolhido por Rosa Adanjo Correia, que se debruça em torno dos jornais portugueses, deles recortando os dias 26 de abril e 3 de maio de 1974, procurando auscultar os ecos do Golpe de Estado. Também o romance de Mia Couto, *Vinte e Zinco*, está na sua mira.

“Maria Velho da Costa: Alegorias políticas”, pelo olhar crítico da investigadora Beatriz Weigert, ocupa o sétimo lugar na publicação em apreço, sendo o 25 de Abril, em Portugal, o pilar sustentando a leitura apresentada, que não descarta a apresentação de Maria Velho da Costa em forma de pequena biobibliografia com que o texto se inicia. *Desescrita* (e através dele os “jornais *Diário de Lisboa, República e Capital*”) culminam com *Missa in Albis*, celebrando “o rito de deposição da ditadura e o batismo da Democracia”, que Weigert analisa.

Passamos depois para “Memória coletiva e meta-história em *Balada da praia dos cães*, de José Cardoso Pires”, altura em que Vanessa C. Fitzgibbon nos leva até ao uso da meta-história (Hayden White), procurando reconstruir a memória coletiva portuguesa pós-salazarismo. Em uma leitura de cariz comparativo, a *Balada da praia dos cães* (1983) e *Cartilha do marialva ou das ligações libertinas* (1960), de José Cardoso Pires, são o objeto de estudo eleito.

Flavia Maria Corradin, em “Sttau Monteiro e seu Portugal à deriva”, se socorre da abordagem comparativa elegendo *Auto da barca do motor fora da borda* escrito pelo notável dramaturgo português, em 1966, colocando a força da sua análise no diálogo intertextual com Gil Vicente, e o seu *Auto da barca do Inferno*, publicado em 1517. As Guerras Coloniais são palco para evidenciar “o engajamento do autor comprometido com a democratização do país”.

Em seguida, encontramos João Marques Lopes, com “Junhito ou a estória de Moçambique independente: Contribuição para uma leitura de Terra sonâmbula, de Mia Couto”. Neste artigo a personagem Junhito é-nos apresentada como metáfora da própria história colonial moçambicana no período pós independência. *Terra Sonâmbula* serve assim o propósito para João Lopes aplicar o conceito de Hans Robert Jauss relativo à “função de configuração social da literatura”.

Em antepenúltimo, Aldinida de Medeiros, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, apresenta-nos os “Caminhos do romance histórico contemporâneo português: percorrendo veredas”. A literatura portuguesa contém uma panóplia imensa de romances históricos contemporâneos que a autora concentra em três grandes conjuntos a fim de aferir a exequibilidade da sua arrumação temática.

A fechar este conjunto e tratando-se de uma revista da pós-graduação em Letras da UNESP/Assis é-nos grato integrar neste número um artigo que resulta da colaboração havida entre o Professor Francisco Topa da Universidade do Porto e alguns alunos com quem teve oportunidade de trabalhar ao longo do semestre em que lecionou no Brasil. Uma procura constante visando expandir o conhecimento e envolvendo os diversos elos que constituem a Academia se encontra espelhado neste volume; relevamos a intersecção geracional tão desejável à abertura de novos caminhos em que o conhecimento possa desvendar a sua circularidade e facilite a disseminação. “Da simples natureza guardemos sempre as leis: A epístola de Silva Alvarenga a Basílio da Gama” dá título ao artigo assinado por Francisco Topa, Aline Cataneli, Alzira Martins, Áureo Camargo, Gláucia Vieira, Helton Marques, Luiz Eduardo Amaro, Luiz Fernando Garcia, Mariane Severino e Natália Nascimento. O trabalho centra-se na epístola publicada em 1772, e dirigida por Manuel Inácio da Silva Alvarenga a José Basílio da Gama, a propósito de *O Uraguai*. Assinala-se a importância teórico-crítica da composição poética e simultaneamente se oferece a edição crítica anotada do texto.

O número 15 da *Miscelânea* oferece ainda duas resenhas versando a Revolução, assinadas por Laura Areias e Maria Carlos Lino de Sena Aldeia, que apreciam respectivamente as obras recém-publicadas em 2014, de Álamo Oliveira, *Marta de Jesus (a verdadeira)*, e de Lúcia Jorge, *Os Memoráveis*.

A rubrica “Textos de criação” inclui a poesia de Maria Teresa Horta que abrilhantou esta nossa iniciativa e a quem cumpre, pois, aqui agradecer-lhe *Mulheres de Abril* legada à posterioridade, celebrando a Revolução, e que permitiu republicásemos. Também pela mão da poesia recolhemos, desta feita, um inédito “Os cravos e a neblina”, contributo de Maria do Sameiro Barroso.

A terminar, “com permissão” e sem passar pelo “lápiz azul”, conquista aliás, que se fica a dever à Revolução dos Cravos, é com alegria que deixamos em simultâneo editados em livro e nesta *World Wide Web* os textos da(o)s colaboradora(e)s cuja evocação ao 25 de Abril abriu os horizontes da memória, ligando o que estava disperso e dispondo-o à partilha intemporal de tanta(o)s quanta(o)s os quiserem doravante ler: para que não se mate a memória.

Lisboa/Assis, 30 de junho de 2014

Isabel Lousada
Alvaro S. Simões Jr.